Ano IX — Lisboa, Agosto de 1953 — N.º 100

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

100 NÚMEROS

O nosso jornal, este modesto «Sempre Pronto», atingiu a centena. Confesso que tinha as minhas dúvidas sobre a possibilidade de vê-lo alcançar esse primeiro número de três cifras tão rotundo, porém, eis que temos em nossas mãos a meta alcançada, marca que assinala uma longa marcha de 100 meses.

Como esse trio — os irmãos Ribeiros e Capitolino Macedo — que assumiu a dura tarefa de proporcionar aos escoteiros um periódico, pôde cumprir a sua missão e propósito, é coisa para que eu não acho explicação. Porque quase sem colaboradores, sem dinheiro, com poucos assinantes e, muitas vezes, contra a indiferença de quem deveria prestar apoio e calor a estas empresas, é um grande cometimento ter chegado a este número que hoje temos em mãos, sem nenhuma paralisação nem suspensão.

Os que nestas coisas têm alguma experiência por haverem trabalhado mais de uma vez na publicação destes nossos modestos e entusiastas jornais escotistas, sabem quão difícil é, quantas preocupações custa, quantas horas roubadas ao sono e, quase sempre, que prejuízo económico pessoal representa cada novo exemplar que se lança para a rua a proclamar os afãs da juventude escotista, nestes países de Escotismo pobre de solenidade.

Ao completar a primeira centena, desejo testemunhar pùblicamente — constituindo-me porta-voz de muitos que pensam como eu — a minha admiração por esses magníficos Escoteiros que, com seu trabalho e direcção, fizeram possível este jornal. Quero também fazer pública a minha gratidão e a dos meus velhos irmãos de Espanha para com o «Sempre Pronto» e também com «A Flor de Lis», que mensalmente chegam aos nossos lares, animando a nossa esperança e mantendo a nossa fé escotista.

E vou aproveitar a ocasião para pedir a todos vós que presteis um apoio firme e decidido à imprensa escotista do vosso país, apoio que deve materializar-se de três maneiras: estimulando os que trabalham no periódico, aumentando o número de assinantes e colaborando nas suas páginas. Só assim será possível que este «Sempre Pronto», agora na centena, atinja o milhar.

O «Sempre Pronto», não é perfeito. Isso sabem-no bem os seus directores. Pode melhorar muito. Contudo, isso não é trabalho para três homens apenas. Para isso, precisam de apoio de todos. Portanto, em vossas mãos está a possibilidade de que este número 100 seja o ponto de partida para um «Sempre Pronto» cada vez melhor. Se todos trouxermos o nosso grãozinho de areia, de certeza que o êxito será uma realidade.

ENRIQUE GENOVÉS

Hora de Esforço

Quando o lavrador lança a semente à terra, desconhece qual será o lucro do seu trabalho. Várias causas podem obstar a que a seara dê todo o fruto que é razoável esperar, ou, até mesmo, eliminá-lo por completo. Contudo, estas ameaças não impedem o lavrador de se dedicar com entusiasmo e fé à sua tarefa. Foi debaixo deste mesmo espírito que o *Sempre Pronto* iniciou a sua publicação. No editorial do primeiro número, cujo título é o mesmo que encima estas linhas, afirmou-se que tinha chegado a hora «de trazer o calor do nosso entusiasmo a todas as Obras que visem o Amor, o Progresso e a Beleza. *Sempre Pronto* surgiu fruto desse desejo». Quando estas palavras foram escritas, ninguém poderia prever o resultado do trabalho que então se iniciava. Mas isso não diminuiu a Fé dos que meteram ombros à Obra e o certo é que, se por vezes os ataques dos despeitados e dos estéreis procuram dizimar a seara, agora que o *Sempre Pronto* aparece pela centésima vez, podemos asseverar, sem imodéstia e convictamente, que algum fruto já foi colhido do nosso labor. Esta asserção é confirmada pelo testemunho insuspeito do Sr. Dr. Cortez Pinto, quando na sessão comemorativa do 4.º aniversário deste jornal, afirmou ter sido o *Sempre Pronto* que mantivera aceso o fogo sagrado do Escotismo em períodos adversos.

Eis-nos chegados ao número CEM. Embora reconheçamos ter feito alguma coisa, não caímos na estultícia de declarar que fizemos tudo ou que cumprimos o programa que a princípio traçáramos. Há ainda um longo caminho a percorrer e, por isso mesmo, queremos continuar. O nosso espírito não muda; a hora ainda é de esforço e de fé.

Conseguiremos alcançar nova centena? Não o sabemos. Só desejamos, contudo, que o *Sempre Pronto* exista enquanto essa plêiade de amigos, em que o seu êxito tem estado firmado, julgue que isso valha a pena, enquanto o *Sempre Pronto* seja necesário para o revigoramento do Escotismo em Portugal.

Como no princípio, podemos ainda dizer: «Contamos encontrar a nosso lado, ombro a ombro, todos os jovens de boa vontade, e o *Sempre Pronto* não negará a sua colaboração a todos aqueles que, pararelamente, se esforcem pela cultura e pela educação da gente nova».

O que se escreveu no "Sempre Pronto,,

Faustino Leitão, um dos «velhos» que como poucos, sabe «sentir» o Escotismo na sua verdadeira essência, contou aos mais novos, numa prosa veemente e sem artificialismos, os soberbos episódios da epopeia dos primeiros escoteiros do nosso País. «Foi assim mesmo...» é o título do artigo que tornamos a publicar, assim como de todos ou outros que se lhe seguiram:

Folheemos um epítome da História de Portugal e, sem qualquer sombra de especulação, mostremos, por os termos vivido, alguns dos seus quadros aos nossos rapazes. Desses quadros, passemos alguns à frente, mas detenhamo-nos neste, obscurecido já pelas sombras do esquecimento, pouco visível já pela pátina do tempo. Puxemos para primeiro plano aquelas figuras que estão à distância de vinte e oito anos e punhamo-las bem à vista nas colunas deste jornal, concorrendo assim para que se tornem conhecidas cenas da vida e educação escotistas.

Lutas verdadeiramente fratricidas cobriam com véu de luto, miséria e dor os lares de Portugal. Quando não era a Morte ao serviço da intolerância, era o cárcere, exílio ou homizio a aumentarem cada vez mais, em vez de os diminuírem, torvos ódios.

A atingir o ocaso, estava o ano de 1917 quando inesperado surgiu rodeado de acólitos novo Messias, vingador de ofensas sofridas para uns, tirano para outros, libertador para muitos.

Nas ruas da capital levantaram-se novamente as barricadas, cruzando-se, uma vez mais, as balas saídas de armas apontadas por Caim. De ambos os lados, em sanha feroz, se batiam os contendores, todos convencidos de que defendiam a Razão, a Justiça e o Direito. Mais acesa estava a luta ali para os lados do Rato, quando, de repente, na rua juncada de mortos e feridos, surge um pequeno magote de rapazes — uma escassa meia dúzia — que, empunhando uma bandeira da Cruz Vermelha, fez por momentos cessar o nutrido fogo. Então, durante a pequena trégua imposta por tão inesperada aparição, era ver aqueles rapazes, a maioria crianças ainda, já voluntários do Bem ao serviço da Paz, indiferentes aos desvarios de Belona irada; briosos nas fardas de escoteiro que envergavam; surdos ao crepitar da fuzilaria que nalguns pontos ainda se fazia ouvir; cheios de Fé, Amor e Carinho pelo muito que viam e ouviam a par das lições de Civismo recebidas no seu Grupo escotista — o «Um» de saudosa memória — crianças feitas heróis, pigmeus tornados gigantes, em contraste com os que se batiam, esforçarem-se por rasgar mortalhas arrancando às Parcas os feridos, céleres transportados nas suas macas que, pela primeira vez, entravam em acção. E alheios ao perigo que sobre suas cabeças pairava, pois o tiroteio recomeçara, sentiam-se orgulhosos de tão pequenos ainda, já serem Homens no cumprimento do Dever. Pródigo no sacrifício, não se sentindo ainda completamente satisfeito com o dever cumprido, um deles, cujo nome lamento não me lembrar, no hospital se prontificou para, arrostando com os perigos duma cidade em guerra, — digamos assim —, ir às casas dos feridos tranquilizar as respectivas famílias.

.....

Foram assim os escoteiros naquele dia 5 de Dezembro de 1917, têm-no sido depois disso e decerto o continuarão a ser. Desta opinião compartilham — estou certo disso — Albano da Silva, David de Baudouin e João Clímaco do Nascimento, modestos e, para a grande maioria, desconhecidos heróis destes acontecimentos.

FAUSTINO LEITÃO

O Dr. Manuel Conceição Júnior, grande amigo do escotismo, tem posto algumas vezes a sua pena autorizada ao serviço do «Sempre Pronto». Cristão fervoroso, as suas judiciosas considerações sobre a ressurreição de N. S. Jesus Cristo têm um cunho de sinceridade e de devoção:

«A ressurreição é, sem dúvida, o acontecimento mais extraordinário do Cristianismo, porquanto Deus, que tantas vezes tinha falado ao mundo do poder do Seu Unigénito Filho, exaltou-o em glória, para provar a falsidade das acusações que lhe tinham feito e a verdade divina dos ensinamentos que tinham dado à humanidade.

Muitos, certamente, quereriam também entrar na sepultura vazia, como fizeram Pedro e João, para fortalecer a sua fé e convenceram-se. Era um desejo muito justo se pudesse realizar-se, mas não porque seja indispensável. Depois que Jesus convidou Tomé a tocar com os dedos as chagas do peito e das mãos, disse-lhe: «*Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram*». A história está cheia de acontecimentos que se não repetem, que não podemos ver mas cremos neles porque outros os presenciaram.

Quando alguém pretende recordar a memória de uma pessoa querida não precisa de ir à sepultura onde foi enterrada, porque pode já estar rasa ou ter recebido o corpo de outros mortais. Processo mais prático é olhar para os objectos que lhe pertenceram e ela deixou, meditar naquilo que ela fez enquanto esteve cá na terra, na amizade e no amor que a tornou saudosa. Assim é com Cristo. Meditar na extensão da Sua obra no mundo, na Igreja que Ele fundou, nos exemplos de comunhão constante que teve com o Pai, na santidade e no amor de que deu provas, é sentir na alma a Sua presença porque Ele vive, e vive para sempre».

O Dr. Manuel Gomes dos Santos, cuja memória saudosa invocamos, era um dos grandes paladinos da educação da juventude. O seu trato agradável e a sua esmerada cultura tornavam a sua presença e as suas opiniões sempre muito estimadas por todos quantos com ele privavam. Do seu último trabalho literário, o artigo «A Escola do Ar Livre», que o «Sempre Pronto» teve a honra de publicar nas suas colunas, inserimos o seguinte trecho:

Quando no Congresso realizado por ocasião do *Jamboree* de Gödöllo, em 1933, ouvimos afirmar que *o futuro da educação pertenceria ao Escotismo*, pensámos nas vantagens que adviriam para as novas gerações portuguesas se fosse possível desviá-las, por convicção, do ambiente infeccioso dos cafés, dos cinemas e de outros locais de perversão.

E como seria meritória a campanha e a organização que a tão belos objectivos se abalançasse!

Pareceu-nos vislumbrar, no espírito dos que meteram ombros à publicação do periódico «Sempre Pronto», os nobres Ideais a que nos estamos referindo.

Se assim é — conforme supomos — não temos senão que lhes aplicar as acolhedoras e entusiásticas palavras do Sr. Presidente da República quando os organizadores do Núcleo de Propaganda Educativa o foram convidar para presidir à sessão inaugural (1.º de Dezembro de 1931). Vivamente entusiasmado, ao ouvir que os fins do Núcleo consistiam, sumàriamente, em afastar a gente nova dos factores de atrofiamento e de corrupção, levando-a à prática das normas escotistas e patrióticas — o Sr. General Carmona exclamou:

«*Se conseguirem realizar tão altos fins, terão dado um grande passo para o engrandecimento de Portugal*».

Num dos mais completos estudos sobre Escotismo publicados no «Sempre Pronto», subordinado ao título «Escotismo e Militarismo», o nosso colaborador Enrique Genovés escreve:

Não é preciso ser um lince nem recorrer a subtilezas para interpretar o espírito de B.-P. porque ele, com palavras que estão ao alcance da mente dos rapazes, explicou cada ponto do seu sistema com clareza deslumbrante.

No livro fundamental «Escotismo para Rapazes», diz concretamente: «Quase todos nós somos opostos ao militarismo, ao governo por autoridades militares, *tendo em vista fins militares*; porém entre nós há poucos que — sobretudo à luz

(*Conclui na 8.ª página*)

O que se escreveu no "Sempre Pronto„

O Dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal, já desde longa data que dedica ao nosso Movimento muita atenção e um entusiasmo invulgar. Profundo conhecedor deste método educativo, as suas opiniões sobre o Escotismo são de um valor inestimável. «Sempre Pronto» já teve a honra de contar com a sua colaboração, transcrevendo agora a parte final do seu artigo «O Escotismo e a Formação do Carácter»:

Conheço muitos exemplos de pais que se desregraram e para quem o filho, Escoteiro, não só constitui o esteio da família, mas ainda consegue muitas vezes trazê-los ao bom caminho, não só pelo exemplo dado, como ainda por lhes apresentar como argumento principal a rigidez com que encara os bons princípios da educação, e como se preparam fisicamente para vencerem na vida.

Bem hajam pois todos aqueles que, com prejuízo das horas de prazer livres que as suas profissões lhes deixam, se consagram à educação das modernas gerações e auxiliam os Escoteiros. E no momento de perturbação mundial que atravessamos, os Escoteiros podem-se considerar como dos melhores obreiros da campanha do bom entendimento entre os homens e entre as nações.

«Velho Lobo Negro do Norte», escoteiro das primeiras horas, homem que à educação dedica toda a sua actividade, brindou os leitores do «Sempre Pronto» com um magnífico estudo da Lei do Escoteiro, trabalho completo e único na nossa língua. Através das suas bem elaboradas «Palestras», «Velho Lobo» tece considerações de grande interesse sobre a doutrina escotista, aponta exemplos, cita factos e indica a vereda a seguir. Se é inexorável perante o erro, não deixa de amparar o que obliqua. É desta maneira que ele fala do Escotismo que sentiu e que ainda hoje continua a viver:

Nós, os velhos, nós, os das primeiras horas de esperança, nós, os que jurámos, de braço estendido e voz bem sonora, «obedecer à Lei do Escoteiro», nós não podemos, nós *não queremos* deixar murchar a flor desse Ideal, que acalentou a nossa adolescência e guiou a nossa mocidade! O Escotismo nasceu para consolidar a paz no Mundo, para lançar no coração de cada jovem a semente prometedora de farta messe de fraternidade. O ideal escotista é dum egoísmo altruísta. passe o paradoxo: procura valorizar física, intelectual e moralmente o jovem para maior benefício da sociedade. Foi o desconhecimento ou o ódio a esse ideal que desencadeou as duas últimas guerras. É preciso ressuscitar esse velho espírito, fortalecê-lo, levá-lo à alma e ao coração de cada rapaz, de cada rapariga, para que a barbárie para sempre seja vencida, para que sobre a Terra possa o homem, finalmente, viver feliz, para que se colham *enfim* os benefícios reais da Civilização.

E noutra destas suas inspiradoras palestras — a última — escreveu:

Meditai nestas palavras e procurai ser Escoteiros integrais, jamais comprazendo com a sociedade no que ela tem de mau, mas também trabalhando *activamente* para a sua completa reforma. A índole dum povo não pode modificar-se se esse povo o não quiser. Ora eu estou convencido de que *vós quereis* contribuir para corrigir os maus hábitos e os aspectos inferiores da índole dos Portugueses, primeiro dando o exemplo, com serenidade e sem alardes, com a naturalidade que pondes nos actos mais triviais da vossa vida; depois, ensinando aqueles que prevaricam; enfim, amanhã como pais, educando os vossos filhos nos princípios do Escotismo, que, se TODOS os Escoteiros tivessem querido, teriam já mudado a face do Mundo. Se os rapazes de 1908 tivessem levado TODOS para a vida vivos aqueles princípios que B.-P. abnegadamente pregou e exemplificou, não se teria evitado a 1.ª Grande Guerra— era cedo de mais—, mas evitar-se-ia *forçosamente* a segunda, porque a força dos princípios é tudo. Deixaram, porém, corromper esses princípios à luz de ideologias de morte, e daí resultou a hecatombe.

«Kaly», uma dedicação ao serviço do Escotismo, expressa assim, no primeiro número do «Sempre Pronto», as suas impressões sobre o ambiente das sedes dos Escoteiros:

A vida do Escoteiro é toda cheia de sensações, umas vezes agradáveis outras vezes desagradáveis.

Assim como o nosso ser, sofre várias modificações em contacto com as intempéries da vida, a alma do escoteiro é constantemente agitada por factos que se desenrolam perante a sua vista e é muitas vezes impressionada por outros.

Quando se transpõe o limiar da porta da sede de um grupo de escoteiros, mesmo quando aquilo que à nossa vista se depara não é o panorama que esperávamos observar, nós, escoteiros, sentimos uma sensação fora do normal, parece que a nossa alma é arrastada para um mundo mais agradável. Parece que se sente longe de toda essa maldade que assola a mocidade dos nossos tempos. Enfim, a nossa sede deve ser o nosso segundo lar.

Pena é que uma parte dos rapazes que enfileiram nos nossos grupos, não saibam compreender esta sensação. Já alguma vez, irmão escoteiro, saíste de casa ou da tua sede, por alguns dias, para fora da tua localidade, mesmo em passeio, e encontraste um camarada que nunca viste e que se une a ti, simplesmente por essa força que nos torna irmãos -- a nossa Lei — e te conduz até à sede do seu grupo?

Que prazer, que alegria, que sensação sentimos, julgamos logo que estamos em nossa casa, junto dos nossos, tão boa e tão sã é a camaradagem que se encontra naquela casa.

É necessário que cada um procure trazer à sua sede mais vida, mais actividade, mais brio, para assim mostrarmos ao visitante, que muitas vezes vê nas paredes da nossa sede o espírito da nossa Obra, quanto é bom e útil o Movimento Escotista.

Um dos mais devotados escoteiros portugueses, João Trigueiros, dando mostras do dinamismo do seu espírito e do valor das suas concepções, já em 1946 apontava as vantagens provenientes da criação da «Fraternal dos Antigos Escoteiros», rematando assim as suas considerações:

É possível empregar os nossos ócios restritos ou amplos a favor das organizações de carácter social, beneficente e educativo.

Os velhos escoteiros, espalhados no país, não devem deixar que os nossos camaradas lisboetas cuidem do que lhes pertence.

Não aguardem o incentivo, amável, mas dispensável.

Agrupem-se, nas localidades da sua residência, constituindo núcleos que terão a missão de auxiliar moralmente e materialmente os grupos existentes, de reorganizar os que se extinguiram, de os fundar onde as vantagens do genial sistema de Baden-Powell ainda não chegaram.

Agrupados (ou isolados)! nós os velhos escoteiros da província podemos e devemos actuar a bem do Escotismo, pagando-lhe, em dedicação, a dívida de gratidão de que é credor pelos benefícios de toda a ordem que nos proporcionou.

«Escoteiros um dia, escoteiros toda a vida».

OS "OBREIROS,, DO "SEMPRE PRONTO,,

O «*Sempre Pronto*» é, inegàvelmente, uma feliz demonstração de quanto vale a cooperação de um punhado de boas vontades. Aparentemente de estrutura débil, o nosso periódico tem encontrado, neste grupo de Amigos, as energias suficientes para resistir às forças adversas que, por vezes, procuram perturbar ou impedir a regularidade da sua marcha.

As fotografias que inserimos nestas páginas são uma afirmação inequívoca de que este jornal é acarinhado e amparado por um forte núcleo de amigos, que, trabalhando com devoção nos seus diversos sectores, constituem o forte esteio onde o «*Sempre Pronto*» baseia a sua vitalidade.

Mais alguns outros colaboradores, nomeadamente os srs. François Baradez, colaborador e correspondente em Paris, Miguel Raposo Bicho, Francisco M. Silva Neves, Manuel Marques Serrano e Francisco Mosqueira do Amaral, respectivamente correspondentes em Sintra, Figueira da Foz, Setúbal e Carcavelos, têm jus a igual homenagem, todavia, a falta das suas fotografias impediu a publicação.

Além dos estimados assinantes, outros colaboradores anónimos têm demonstrado simpatia por este modesto órgão de imprensa. Referimo-nos ao Gerente e pessoal da Ottosgráfica, Lda., os quais, desde o primeiro número, pela competência e zelo demonstrados, constituem uma quota-parte importante do êxito alcançado por este jornal.

Mas o «*Sempre Pronto*» não quer parar e, apesar de tantos colaboradores, é notória a insuficiência. Torna-se indispensável que novas dedicações se revelem para que este trabalho prospere. O convite está feito. Esperamos que, da multidão entusiasta dos escoteiros de Portugal, surjam os continuadores desta obra que tão útil poderá ser para o nosso Movimento.


Eduardo Ribeiro, Director


Capitolino Ferreira Macedo, Administrador.


José Ribeiro, Redactor Principal.


Faustino Leitão, Chefe do Serviço de Assinantes.


Carlos Fernando Garcia, Redactor.


Ernesto Clímaco do Nascimento, Redactor.


Manuel Tacão Monteiro, Desenhador.


José Eduardo Pena Ribeiro, o mais jovem colaborador, Desenhador.


Professor António Álvaro Dória, colaborador efectivo.


Rev. Dr. Manuel Conceição Jr., colaborador efectivo.


Enrique Genovés, colaborador e agente-correspondente em Madrid.


David M. de Barros, Delegado no Brasil.


Armando Lino, Colaborador.


Jacinto dos Reis Moniz Silva, Agente-correspondente em Angra do Heroísmo.


Francisco Militão dos Santos, (ex-correspondente em Olhão).


Francisco Pina, Agente-correspondente em Olhão.


Rev. Vidal Vieira dos Santos, Agente-correspondente no Porto e Gaia.


Manuel Ferreira Valério, Agente-correspondente no Entroncamento.


Manuel Argentino Bettencourt, Agente-correspondente na Horta.


José Manuel Pereira, Agente-correspondente em Vila Real de Santo António.


João Carlos Saraiva Mamede, Secretário da Redacção.


Rui Cunha, Colaborador.


Idílio Custódio Gonçalves, Agente-correspondente-adjunto em V. R. S. Ant.º

O que se escreveu no "Sempre Pronto,,

D. Loreto Azpeitia Lopez de Ayala é uma das nossas colaboradoras, cujo estilo, leve, gracioso, de um cunho pessoalíssimo, conta, entre os nossos amigos, inúmeros apreciadores. Contista de grande merecimento, de uma sensibilidade delicada, sabe descrever com maestria as situações e desenhar com talento curiosas figuras, como a de «Piky», que é um exemplo frisante da sua arte criadora. Em «Leão», um dos primeiros trabalhos publicados neste jornal e que voltamos agora a dar à estampa, poderão os nossos leitores tornar a apreciar a sua personalidade como escritora:

Chamava-se Leão e era um cão de jardim. Bem, quero dizer que era um cão de guarda, e que desempenhava qualquer coisa, assim como as funções de porteiro, porque ele estava encarregado de fazer o maior escândalo possível com ladridos, no caso de ver aproximarem-se pessoas suspeitas, em direcção à luxuosa propriedade onde os senhores seus amos viviam.

Pois bem; além de todas estas magníficas condições de belo cão de guarda, desde já se adivinhava que Leão tinha um coração sumamente «culto»; Ah! Senhores!... Como direi?... — um coração, que afastando-se completamente do vulgar, se eleva muito, mas muito! acima do coração de todos os infinitos cães de jardim, que povoam a Terra.

Leão, tinha «visto mundos». Assim, quando em frente da porta da sua casota, se deitava ao comprido no chão, com todo o peso da sua corpulência, deixando plàcidamente que os mornos raios do Sol, queimassem o seu fino e sedoso pêlo, com os olhinhos meio cerrados, e um petulante sorrisinho deslizando pelo seu fino focinho, — não sabem vocês que os cães se riem? — parecia dizer-nos:

— Meus filhos, tenho visto muita coisa. A injustiça social é o que é preciso atacar. Porque enquanto existirem pobres e existirem ricos... Pois é isso mesmo: a revolução.

E Leão prosseguia com o seu tema disparatado e incongruente durante um bom bocado. Não era em vão que ele era «culto» e inteligente, não era em vão que ele tinha «visto mundos». Tinha que falar sobre todas as ideias que o inquietavam; em especial aquela da «injustiça social». Assim, pois, enquanto comia uma enorme caçarola de saborosos grãos cozidos, não parava de fazer considerações, ante os olhares dos esquálidos congéneres, que, atrás do gradeamento, contemplavam invejosos o seu banquete.

—... a injustiça social! Aí vos encontrais, vós, os pobres do mundo, mirando, mirando... —E, abertas as rosadas fauces, Leão terminava por lamber a caçarola.

* * *

Por todas estas coisas que flutuavam no seu cérebro canino, Leão não quis dizer «esta boca é minha» — perdão, seria melhor focinho — na noite em que uns desconhecidos, escalando os muros, deram um salto, ágil e acrobático, mesmo nas suas barbas, enquanto lhe lançavam um apetitoso pedaço de carne, com o qual ele se apressou a esconder-se na casota.

— Pobrezinhos, — dizia — ainda por cima me trazem carne. É roubar, filhos, é roubar; que a nós tudo nos sobra e em troca a vós...

* * *

No agitado vaivém, com que as pessoas da propriedade povoaram o jardim na manhã seguinte, ninguém se preocupou com o pobre Leão, que tinha vomitado aflivamente até ao último bocado de carne, que nunca assim comera em sua vida canina; cheio de baba e enjoado, começava a dar graças ao céu por se ter livrado daquela armadilha que colocaram no seu pacífico caminho.

— Ah! os desavergonhados!... Pois não queriam envenenar-me?...

Por fim, consolou-se um pouco, quando os seus pequenos donos, o cobriram de agasalhos, proclamando-o herói do acontecimento.

— Probrezinho Leão! — diziam — como havias tu de ladrar, pobrezinho, se quase te iam envenenando?

Leão, cheio de arrependimento, baixara os olhitos, e quedava-se silencioso. Desde aí, nunca mais voltou a interessar-se pela questão social, e agora, quando à noite, o guarda nocturno passa junto ao gradeamento, os olhos cheios de sono e de estrelas, Leão fica rouco de tanto ladrar.

LORETO AZPEITIA

Trad. do Espanhol de Lídia de Medeiros.

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na **Tabacaria Boa-Hora**
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Joaquin Peñarroya, antigo escoteiro do país vizinho, veio até nós, numa atitude de cativante fraternidade, oferecer-nos o seu valioso concurso. Grande admirador do método escotista, cujos benefícios recebeu na mocidade, descreve a sua experiência do Escotismo num momento da sua vida:

Com dezanove anos de idade, um antigo escoteiro, que se encontrava na frente de batalha, caiu gravemente ferido por uma granada de artilharia. Transportado ao hospital de sangue, foi necessário amputar-lhe o braço direito. Os dias amargos de tratamento e de completa invalidez foram passando, e aquele corpo pouco a pouco foi recobrando a vida, mas já não como anteriormente, pois, com tristeza reparava na sua inutilidade, que o afundava moralmente no mais profundo abismo do desespero. Por todos os meios era necessário evitar o desenlace fatal a que esse estado o conduziria. E aquele jovem, desejando tornar a ser útil, teve a energia de reeducar-se. Muitos meses necessitou para vencer as dificuldades que encontrou nos primeiros dias, mas lentamente conseguiu alcançar o que sonhava. Cada vez se sentia mais apto a prover às suas necessidades, até que chegou por fim o momento de não precisar de recorrer a ninguém. Começou a vislumbrar claridade na nebelina que o envolvia desde a sua mutilação, e, a pouco e pouco, a mão esquerda desempenhava os serviços que a direita tinha deixado de prestar. A sua profissão era ajudante de guarda-livros, cargo que voltou a exercer, para depois em alguns anos, aperfeiçoado em todos os aspectos, chegar a ser contabilista de uma empresa, onde todavia se pode vê-lo trabalhar.

A sua constância deu-lhe o triunfo ansiado. Não quis permanecer inactivo e no trabalho encontrou a forma de igualar-se àqueles que eram como ele mesmo tinha sido.

.....

Podem alguns julgar os meus pensamentos demasiado realistas, mas não tive em mira fazer este artigo de fantasia literária; quis sòmente levar ao ânimo dos jovens escoteiros a conduta a seguir em caso de se ter de viver bastante mal durante algum tempo, como aconteceu ao antigo escoteiro da minha narração, que conheço muito bem por ser eu próprio.

O que se escreveu no "Sempre Pronto„

O «Sempre Pronto» comemorava então o 2.º aniversário. Belo Redondo, jornalista de créditos firmados, aceitando o nosso convite, pronunciou, durante uma sessão solene comemorativa, uma conferência, donde retirámos o seguinte trecho:

Uma legenda simbólica, de um simbolismo objectivo, correspondente ao dinamismo, à actividade e à febre do nosso tempo, justifica a segurança com que abrimos os caminhos da vida: «Sempre Pronto!» É com o homem sempre pronto que todos podem contar. Só o homem sempre pronto pode contar consigo mesmo. Na escola, na oficina, no lar, no clube, dentro da Nação, para as pequenas como para as grandes tarefas, o que está sempre pronto inspira e tem confiança, é o homem de acção que não deixa que o tempo o suplante. «Sempre Pronto!» é o título feliz do jornal cujo aniversário aqui celebramos, jornal que nem por ser pequeno deixa de ser útil. Saudemo-lo, como imagem e programa da nossa actividade.

Meus caros camaradas, eu sei de que erros é susceptível um jornal, mas conheço também as suas nobres virtudes. O bom jornal dá-nos uma camaradagem exemplar: educa, instrui, informa — traz o Universo, nas suas misérias e esplendores, à nossa beira, diz-nos a última conquista de glória, põe-nos em comunicação directa com o Mundo.

Joel Ribeiro, jovem talentoso, tem sido um dos principais obreiros do «Sempre Pronto» nesta larga jornada. A sua pena, servida por estilo elegante, tem animado estas colunas com temas que, como «A Arte e o Escotismo e a Arte no Escotismo», do qual fazemos um recorte, têm merecido o apreço dos nossos leitores:

A natureza é a fonte primordial da Arte. A Harmonia do seu conjunto chega a atingir os domínios da transcendência. Muitos músicos célebres, poetas, romancistas e pintores, foram buscar a inspiração e eloquência a essa grande fonte.

«Um poeta é, quase sempre, um homem bom», dizia um escritor português dos nossos dias. E é bem certo. Não se pode ser um perfeito cultor da Beleza sem a sentir, sem a desejar. Por isso, é necessário dar à Humanidade o temperamento de artista para que ela possa caminhar a passos firmes para esse Ideal de Harmonia e de Perfeição, que há muito vem procurando.

Baden-Powell, ao fundar o Escotismo, não desprezou nenhum dos recursos de que podia dispor, para tornar o jovem um bom cidadão, um bom chefe de família. Assim, a Arte aparece intimamente ligada ao Escotismo. A sua Lei é a paleta de onde tira todas as cores necessárias para completar o quadro.

Como todas as grandes realizações humanas, o Escotismo não apareceu expontâneamente, à mercê de uma inspiração momentânea, mas lentamente. A princípio, Baden-Powell levou os seus rapazes para o campo. Aí deu-lhes a conhecer, à volta do fogo do conselho, não só os benefícios da sadia vida campezina, mas também a formosura das noites no campo, e o colorido das encostas das serras, batidas pelo sol brilhante. Ensinou-os, depois, a conhecer as aves, a distingui-las pelo seu gorgeio e a admirar as cores das suas plumagens.

Isto foi apenas um impulso inicial. De futuro, o Escoteiro, adquirindo a consciência de artista, recorre a todos os outros meios ao seu alcance para aperfeiçoar a sua actividade. Vêm, então, as canções, os contos e as lendas escotistas, recordadas, uma a uma, nas noites de acampamento, e, mais tarde, o Lobismo, inspirado na mais doce mística, de que qualquer escola de educação se pode orgulhar.

É neste espírito que reside o valor do Escotismo, este espírito que leva o Escoteiro a rodear toda a sua actividade, daquele mesmo carinho com que o Artista trabalha a sua Obra. É por isso que o Escoteiro pode ser considerado o artista da Boa-Acção.

.....

Em Agosto de 1947, quando da passagem por Madrid dos membros do corpo directivo deste jornal, em viagem para o «Jamboree» da Paz, foram estabelecidos laços de amizade entre os escoteiros das duas grandes Nações peninsulares. Um forte e entusiástico «Clã» de antigos escoteiros madrilenos acolheu, de braços abertos, os representantes deste jornal, numa cabal demonstração de que a fraternidade escotista não é uma coisa vã. Esse acontecimento perdurará sempre na nossa memória como um dos momentos mais felizes da nossa carreira escotista. Enrique Genovés, cujos dotes literários e autoridade em assuntos escotistas têm sido devidamente apreciados pelos nossos leitores, retratou deste modo esse acontecimento inolvidável, iniciando assim a sua valiosa colaboração no «Sempre Pronto»:

Por umas curtas horas, o vistoso uniforme dos Exploradores, tem passeado por Madrid enchendo de emoção o coração de alguns rapazes espanhóis, que, à sua vista, têm voltado a seguir, imaginativamente, os antigos seguidores de Baden-Powell.

Três jovens portugueses — Macedo e os dois irmãos Ribeiros — têm comprovado pràticamente a verdade de que um Escoteiro não pode ir a nenhuma parte no mundo, sem encontrar um rapaz que, mostrando-lhe sua mão com os três dedos ao alto, se lhe apresente como irmão. E por esta vez o sinal da fraternidade escotista cristalizou nas ruas de uma capital onde o Escotismo não tem vida oficial, porém onde os velhos escoteiros mantêm viva em seu peito a chama acesa por Baden-Powell, e esperam impacientes o dia em que a Lei lhes permita de novo seguir o «grande jogo».

Com o sol morrendo atrás das montanhas — lá detrás, muito longe, está o suave Portugal — os três Escoteiros com as suas tendas, com as suas equipagens, têm seguido a sua rota, a caminho de uma cidade de lona em França, onde muitos milhares de rapazes viverão os mais formosos dias de sua vida, a caminho do «Jamboree» da Paz.

Aqui, com as sombras da noite cobrindo a cidade, ficam os velhos lobos espanhóis, com os olhos cheios de inveja e a bandeira enrolada, porém com o peito transbordante de alegria porque, por umas curtas horas, o vistoso uniforme dos *Exploradores* passeou por Madrid.

ENRIQUE GENOVÉS

Num momento histórico do nosso movimento, o Eng.º Jorge Pereira Jardim, eleito presidente da Direcção da A. E. P., numa entrevista concedida a este jornal, responde à nossa pergunta sobre os princípios que iriam nortear a sua acção e os elementos com que contava, dizendo:

— «Respondendo à sua pergunta apenas lhe deverei dizer que, uma vez que decidi aceitar o desempenho destas funções, diligenciarei não desmerecer da confiança que em mim quiseram depositar e afirmar-lhe que confio ser-me possível reunir não só a boa vontade e os esforços de todos os que actualmente se honram de servir nos Escoteiros de Portugal, como ainda congregar o entusiasmo e a dedicação de muitos outros que, embora se não encontrem no serviço activo, penso não terem esquecido o velho lema de que *Escoteiro um dia, Escoteiro toda a vida.* Através das colunas do «*Sempre Pronto*» — cuja dedicada actividade tenho seguido com o maior interesse, como assinante e leitor de todos os números — aproveito a oportunidade que me oferece para lançar este primeiro apelo: TODOS NÃO SOMOS DEMAIS.

O que se escreveu no "Sempre Pronto"

(*Conclusão da 2.ª página*)

da guerra — sejam antimilitaristas; isto é opostos a que os homens do exército exerçam o seu poder em defesa do país».

O parágrafo esclarece o que entende B.-P. por militarismo, apontando ao mesmo tempo qual é o seu perigo (frase sublinhada). Como homem de coração, B.-P. ama a paz. Porém, se é certo que aquele que ama a paz é inimigo da guerra, não é menos certo que ante uma agressão à Pátria, o pacifista, precisamente pelo seu ódio à guerra, é o primeiro que, com as armas na mão, forma entre os defensores. Porque em Escotismo consideramos pacifista, não o que condena sistemàticamente a luta armada, seja qual for o motivo dela, mas antes aquele que repudia a guerra de conquista, a agresssão premeditada a outros povos mais débeis, banditagem oficial que não deve ter guarida nos nossos tempos, porém que ante a sua Pátria, a sua Família, o seu lar e as suas liberdades em perigo pelos apetites de outra nação, considera a luta como acto de defesa legítimo, e marcha a cumprir o seu dever cívico.

B.-P. é explícito quanto a isto no seu já citado livro: «Não pretendemos fazer soldados dos nossos rapazes nem alimentar neles a sede de sangue. Sem dúvida, falando-lhes de patriotismo, ensina-se-lhes que um cidadão deve estar pronto a tomar parte na defesa do seu país contra agressões possíveis. É este um dever que a segurança e a liberdade da sua Pátria lhe impõem. O que deserta desta obrigação, deixando o seu cumprimento aos outros, desempenha um papel que não tem nada de valoroso e nobre».

UM ACAMPAMENTO

A fim de ser feita entrega dos prémios e diplomas do torneio de ténis de mesa efectuado no princípio do ano entre os grupos 10, 12, 53 e 94, realizou-se nos dias 27 e 28 de Junho passado, na Caparica, um acampamento de conjunto dos grupos referidos.

No sábado à noite, o acampamento foi visitado por membros da União da Juventude Presbiteriana, que se faziam acompanhar pelo Rev. Dr. Manuel da Conceição Jr., presidente do Grupo 10. No domingo, realizaram-se de manhã alguns jogos escotistas de observação e exploração, e à tarde a festa de campo, durante a qual foi entregue o primeiro prémio daquele torneio ao grupo 53 e diplomas aos restantes grupos.

Ao fim da tarde ainda se disputou um torneio relâmpago de voleibol, ganho também pelo grupo 53.

A Associação Cristã da Mocidade e o seu passado glorioso

O artigo que publicámos no último número, a propósito de afirmações feitas num discurso na A. C. M. de Coimbra, mereceu palavras de concordância de muitos dos nossos leitores que verbalmente nos manifestaram o seu aplauso. O nosso caro amigo Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, antigo e dedicado elemento da A. C. M., escreveu-nos o seguinte cartão, e cujas palavras sentidas não resistimos ao desejo de transcrever:

Leopoldo de Figueiredo, antigo director da A. C. M. de Lisboa, no seu passado glorioso, felicita e agradece ao «Sempre Pronto» o oportuno, feliz e justo artigo sobre as Associações Cristãs da Mocidade.

Agradecemos as palavras de aplauso do Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, que mais autoridade vêm emprestar à justiça feita à obra das A. C. M.

ESCOTISMO NA CAPITAL

No dia 16 do mês passado, o Grupo das Necessidades (Lisboa) comemorou o 25.º aniversário da sua fundação com uma festa íntima e um chá de confraternização no qual tomaram parte os seus chefes e escoteiros, tendo prestado compromisso de Honra o aspirante Luís Valadas Ribeiro.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes—O nosso caro amigo e assinante Sr. José Ilídio Freire foi recentemente submetido a melindrosa operação cirúrgica, a qual decorreu com êxito, estando este nosso amigo em franca convalescença, com o que nos congratulamos.

Foi operador o nosso distinto amigo Sr. Doutor Bastos Gonçalves.

